

Na hora do capitalismo total: servidão do homem liberado*

At the time of total capitalism: servitude of the free man

Dany-Robert Dufour

Rejeitando Kant, Freud e Marx, a forma moderna do capitalismo conduz a uma remodelagem em profundidade dos espíritos. Sob leves ares democráticos, e desde que se trata de vender ou comprar, toda consideração moral, tradicional ou transcendental tende a se apagar. Como as ideologias que o procederam no século XX, o neoliberalismo quer criar um “novo homem”.

O capitalismo, que produz muito e devora muito, é “antropofágico”: ele come também o homem. Mas o que ele realmente consome? Os corpos? Eles são utilizados desde há muito tempo, e a noção já antiga de “corpo produtivo” o testemunha¹. A grande novidade é hoje a redução dos espíritos. Como se o pleno desenvolvimento da razão instrumental (a técnica), inerente ao capitalismo, se liquida por um déficit da razão pura (a faculdade de julgar a *priori* sobre o que é verdadeiro ou falso, bem ou mal). É esse precisamente o indício que me parece caracterizar a virada

* Traduzido por William José Batista
Artigo publicado in *Le Monde Diplomatique*, outubro 2003, pg.3

1. A noção de “corpo produtivo”, enquanto corpo biológico integrado no processo de produção, está já presente em Marx em “O Capital”. *Obras Completas*. Gullimard. Paris. 1965.

dita “pós-moderna”: o momento em que o capitalismo, depois de assumir tudo, se dedica à “redução das cabeças”. (...) A hipótese é, em suma, simples, mas radical: nós estamos assistindo à destruição do duplo sujeito proveniente da modernidade – o sujeito crítico (kantiano) e o sujeito neurótico (freudiano), aos quais se deve ajuntar o sujeito marxiano. Toma os seus lugares um novo sujeito – o sujeito “pós-moderno”, a definir.

1- O processo de caça simultânea ao sujeito moderno e a fabricação provável de um novo sujeito age extremamente rápido. O sujeito crítico kantiano, surgido nos anos 1800, e o sujeito neurótico de Freud, surgido nos anos 1900, embora suas idades respeitáveis pareçam mantê-los salvos de toda execução sumária, estão em vias de desaparecer sob nossos olhos com siderante velocidade. Esses sujeitos eram pensados ao abrigo das vicissitudes da história, bem instalados numa posição transcendental e constituindo referência para pensar nosso ser-no-mundo; de fato, muitos pensadores continuam espontaneamente a refletir com esses sujeitos como se eles fossem formas eternas. Esses sujeitos perdem pouco a pouco sua evidência. A potência da forma filosófica que os construía parece se dissipar na história. Eles se tornaram fluidos. Não se acreditava que formas assim tão elaboradas e comprovadas pudessem desaparecer em tão pouco tempo. Não se deveria, no entanto, jamais se esquecer que civilizações milenares podiam se entender com alguns sinais.

Para se ater a acontecimentos recentes, é preciso lembrar que se viram tribos indígenas da floresta amazônica, que atravessaram séculos e ambientes os mais hostis sob o auspício de práticas simbólicas solidamente fixadas, perecer em algumas semanas, incapazes de resistir aos golpes de uma outra forma de troca, a troca mercantil².

2- Essa morte programada do sujeito da modernidade não me parece estranha à mutação que se observa nesses últimos vinte anos no capitalismo. O neoliberalismo, para nomear por seu nome esse novo estágio do capitalismo, está em vias de se desfazer de todas as formas de troca que subsistem por referência a uma garantia absoluta ou metasocial de trocas.

Para chegar logo ao essencial, pode-se dizer que foi preciso ouro como padrão para garantir as trocas monetárias como foi preciso uma garantia simbólica – a Razão, por exemplo – para permitir os discursos filosóficos.

Ou, então, cessa de se referir a todo valor transcendental para se livrar das trocas. As trocas não valem mais enquanto garantidas por um

2. Ver, por exemplo, “La Guerre de pacification en Amazonie”. 90 mi nutos. Documentário de Yves Billon. Les Films de village.1973.

poder superior (transcendental ou moral), mas por aquilo que elas põem diretamente em relação enquanto mercadorias. Em uma palavra: hoje a troca mercantil desimboliza o mundo.

Toda figura transcendente que venha fundar o valor é de agora em diante recusada; não há mais mercadorias que se trocam em seu estrito valor de mercado. Os homens são hoje solicitados a se desembaraçar de todas aquelas sobrecargas simbólicas que garantiam suas trocas. O valor simbólico é assim dismantelado em proveito do simples e neutro valor monetário da mercadoria, de sorte que nenhuma outra consideração (moral, tradicional, transcendente) possa se tornar entrave à sua livre circulação. O que resulta é uma desimbolização do mundo. Os homens não devem mais admitir valores simbólicos transcendentais; eles devem simplesmente se sujeitar ao jogo da circulação infinita e ampliada da mercadoria. Se o que Marcel Gauchet adianta é exato “a esfera de aplicação do modelo [de mercado] está destinada a se ampliar para além do domínio da troca mercantil”³, então haverá um preço a pagar por essa extensão: a alteração da função simbólica. (...)

3- Essa mudança radical no jogo de trocas provoca uma mutação antropológica. Uma vez que toda garantia simbólica de trocas entre os homens está liquidada, é a condição humana ela mesma que muda. Nosso ser-no-mundo não pode mais ser o mesmo desde que o empreendimento de uma vida humana não se atém mais à busca de um acordo com valores simbólicos transcendentais que desempenham papel de garantia, mas está ligada à sua capacidade de entrar em acordo com o fluxo sempre movente da circulação de mercadoria. Em uma palavra: não é mais o mesmo sujeito que é requisitado aqui e lá.

Nós estamos começando a descobrir que o neoliberalismo, como todas as ideologias precedentes que surgiram ao curso do século XX, (o comunismo, o nazismo...) não quer outra coisa que a fabricação de um homem novo. Mas a grande força dessa nova ideologia em relação às precedentes está em que ela não começou por visar o homem ele mesmo em meio aos programas de reeducação e coerção. Ela se contenta em introduzir um novo estatuto de objeto, definido como simples mercadoria, e espera que o resto se siga: que os homens se transformem, pela sua adaptação à mercadoria, desde então o único real⁴. O novo adestramento do indivíduo se efetua, então, em nome de um “real” a que ele quer mais

3. Marcel Gouchet. “La Démocratie contre elle-même”. Gallimard. Paris. 2002.

4. Ler Charles Melman et Jean Pierre Lebrun. “L’homme sans gravité, Jouir à tout prix”. Denoël. Paris. 2002.

consentir do que se opor: ele deve parecer sempre doce e desejado como se tratasse de entretenimento (a televisão, os bares...). Ainda não se examinou bem que formidável violência se dissimula atrás dessas novas fachadas *soft*.(...) (em inglês no original, nota do tradutor).

4- A notar que por “fábrica de um novo sujeito”, eu entendo “sujeito” no sentido filosófico do termo: não falo do indivíduo no sentido sociológico, empírico ou mundano; falo da forma, o sujeito ideal em vias de se construir. Primeiramente eu faço referência à forma sujeito que foi construída nos anos 1800 com a aparição do sujeito crítico kantiano. O empirismo de Hume e seu ceticismo, de encontro à racionalidade e à metafísica clássica, diz-se, ter sacudido Kant ao ponto em que ele brusca-mente “acordou do [seu famoso] sono dogmático”, e foi forçado a refundar uma nova metafísica, crítica, estável nos limites da simples razão, isenta do dogmatismo e da transcendência e não cedendo nada ao ceticismo empirista. Assim nasceu a filosofia kantiana: apoiada sobre o progresso da física depois de Galileu e Newton, e se estabeleceu sobre uma magistral síntese de experiência e entendimento. A virada kantiana teria sido necessária para estabelecer o que era necessário ao pensamento tanto como intuição quanto conceito. Para Kant, com efeito, a intuição sem conceito é cega, enquanto o conceito sem intuição é vazio.(...)

O que quer esse sujeito crítico, uma vez que não se trata de nada além do que vender e comprar a mercadoria? Para Kant, tudo é permutável. “Tudo tem ou um preço ou uma dignidade. Pode-se substituir aquilo que tem um preço por seu equivalente; ao contrário, aquilo que tem preço e, portanto, não tem equivalente, é o que possui uma dignidade”⁵. Não se pode lê-lo mais claramente: a dignidade não pode ser substituída, ela “não tem preço” e “não tem equivalente”, ela se refere apenas à autonomia da vontade, e se opõe a tudo o que tem um preço. É por isso que o sujeito crítico não convém à troca mercantil; todo o contrário é que é requisitado no mercado, no marketing e na promoção (que mente de bom grado) sobre a mercadoria.(...)

Nesses tempos neoliberais, o sujeito kantiano vai mal. Mas, não é tudo; o outro sujeito da modernidade, o sujeito freudiano, não está melhor. A neurose, com suas fixações compulsivas e tendências à repetição não constitui melhor penhor da flexibilidade necessária às ramificações múltiplas nos fluxos mercantis. A figura do esquizofrênico exposta por

5. E. Kant “fondements de la métaphysique des moeurs”[1785]. Garnier-Flammarion. Paris. p.116.

Deleuze nos anos 1970, com as polaridades múltiplas e inversíveis de suas máquinas desejanças, é a esse respeito mais performante⁶. (...) Tudo se passa hoje como se o novo capitalismo tivesse entendido a lição deleuzeana. É preciso que os fluxos circulem, e eles circulam tanto melhor que o velho sujeito freudiano com suas neuroses e seus fracassos nas identificações que não cessam de se cristalizar nas formas rígidas antiprodutivas, e ele será substituído por um ser aberto a todas as bifurcações. Levando, em suma, a hipótese de que este novo estágio do capitalismo é o melhor produto do sujeito esquizóide, o sujeito da pós-modernidade.

Na desimbolização que nós vivemos presentemente, não é mais o sujeito crítico colocando-se à frente de uma deliberação conduzida em nome do imperativo moral da liberdade que convém, não é mais o sujeito neurótico preso a uma culpabilidade compulsiva; é um sujeito precário, acrílico e psicotizante que é de agora em diante requisitado, um sujeito aberto a todas as bifurcações e a todas as flutuações identitárias. Claro que nem todos os indivíduos se tornarão por isso psicóticos.(...) Por toda parte onde ainda há instituições vivas, lá onde nem tudo está completamente desregulado, esvaziado de toda substância, há resistência a essa forma dominante. Adiantar que uma nova forma de sujeito está se impondo na aventura humana não significa que todos os indivíduos sucumbirão sem resistir. Não digo que todos os indivíduos se tornarão tolos, eu digo simplesmente que, enquanto avança essa forma de sujeito ideal, fazem-se grandes esforços para que os indivíduos se tornem esse sujeito. Especialmente em mergulhá-los em um “mundo sem limite”⁷ que favorece a multiplicação das passagens ao ato psicotizante e a sua instalação em um estágio bordeline.

Como Foucault há vinte anos profetizou, o mundo se tornou Deleuzeano.(...) Deleuze queria simplesmente dobrar o capitalismo em desterritorializar mais rápido do que ele, mas tudo indica hoje que ele subestimou a fabulosa velocidade da absorção do capitalismo e sua fantástica capacidade de recuperação da crítica mais radical⁸. Isso traz mais uma vez à ordem do dia o adágio segundo o qual os sonhos políticos do filósofo se realizam freqüentemente como pesadelos.

6. Gilles Deleuze et Félix Guattari. “L’Anti-Oedipe, capitalisme et schizophrénie. Minuit. Paris. 1972”.

7. Jean Pierre Lebrun. “Um monde sans limite”. Erès, Ramonville. 1997.

8. Conferir Luc Bottanski e Eve Chiapello. “Le Nouvel Esprit du Capitalisme”. Gallimard. Paris. 1999.

5- Convém acrescentar a essa morte programada do sujeito crítico kantiano e do sujeito neurótico freudiano, um terceiro aviso de falecimento: o sujeito marxiano. Na economia neoliberal, o trabalho não é mais isso sobre o qual repousa a produção do valor. O capital não é mais constituído essencialmente da mais-valia (Mehrwert, em Marx), proveniente do que é apropriado no processo de exploração do proletário. O capital colocado cada vez mais acima das atividades de valor acrescentado (pesquisa, Internet, informação, mídia) onde a parte do trabalho assalariado pouco ou medianamente qualificado é muitas vezes extremamente frágil.

Mas, sobretudo de hoje em diante, o capital faz representar a gestão de finanças nos movimentos especulativos de grade amplitude. Assim, a parte da economia “real” decresce à medida da financeirização da economia que se desenvolveu consideravelmente ao longo dos últimos vinte e cinco anos a partir do desenvolvimento dos novos mecanismos financeiros de gestão do capitalismo. (...) Aparece, assim, como um epifenômeno que se enxerta na economia real uma economia virtual que consiste essencialmente em criar muito dinheiro com quase nada, em vender muito caro o que não existe ainda, não existe mais ou não existe de maneira alguma, sob o risco de criar impérios de papel prontos a se dilacerarem brutalmente. (conf. os escândalos Enron, Tyco...). (...)

* * *

Com ares leves e democráticos, se projeta uma nova ideologia provavelmente tão virulenta como as terríveis ideologias que se irromperam sobre o Ocidente no século XX. Não é, com efeito, impossível que depois do inferno do nazismo e do terror do comunismo desabe uma nova catástrofe histórica. Trata-se de saber se nós não estamos saindo de uma para entrar em outra. Pois o ultraliberalismo quer, ele também, fabricar um homem novo.

Estamos entrando em um tempo novo: o tempo do capitalismo total que não se interessa mais somente pelos bens e pela sua capitalização, não se contenta mais com o controle social dos corpos, mas visa também, sob as vestes da liberdade, à remodelagem em profundidade dos espíritos. Tudo deve entrar na órbita da mercadoria, todas as regiões e todas as atividades do mundo, incluindo os mecanismos de subjetivação. É por isso que diante desse perigo absoluto, a hora é de resistência que defenda a cultura em sua diversidade e a civilização em suas realizações.

Na hora do capitalismo total: servidão do homem liberado

Dany-Robert Dufour

Filósofo, professor de ciências da educação na Universidade Paris VIII e diretor de programa no Collège International de Philosophie, leciona regularmente no Brasil e no México. É autor de numerosas obras entre elas *A arte de Reduzir as cabeças* (companhia de Freud Ed.)

Artigo recebido em 05 de setembro de 2005

Aceito para publicação em 20 de setembro de 2005